

Paulo Coelho

O Monte Cinco

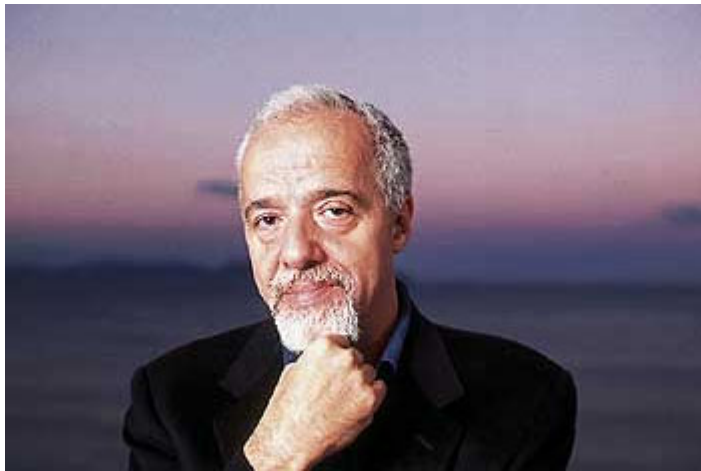


Foto: cortesia de Istoé Gente

Edição especial do site www.paulocoelho.com.br , venda proibida

Diz a Bíblia:

“ O Senhor dirigiu-se ao profeta Elias, e ordenou:

“ ‘Retira-te daqui, vai para a banda do oriente, e esconde-te junto a torrente do Querite. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem.

“Elias fez segundo a palavra do Senhor; retirou-se e habitou junto a torrente. Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente.

“Mas passados dias, a torrente secou, porque não chovia sobre a terra.

“Então lhe veio a palavra do Senhor, dizendo:

“ ‘Vai a Sarepta, que pertence a Sidon, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te sustente.’ ”

Quando Jezabel ordenou a perseguição e a morte de todos os profetas de Israel, o Senhor disse a Elias que iria punir aquela terra com muitos anos de seca. Elias foi primeiro para a torrente do Queribe. Quando esta secou, seguiu a ordem do Senhor, e dirigiu-se a Sarepta.

O lugar onde Elias deveria ir, era parte da nação conhecida como Fenícia, que os israelitas chamavam de Líbano. No início daquele ano de 870 antes de Cristo, seus habitantes podiam se orgulhar de seus feitos; como não eram politicamente fortes, haviam desenvolvido uma capacidade de negociação invejável para o mundo antigo. Uma aliança feita por volta do ano 1.000 A.C. com o rei Salomão de Israel, permitira a modernização da frota mercante, e a expansão do comércio. Desde então, a Fenícia não parara de crescer.

Seus navegadores já haviam chegado em lugares tão distantes como a Espanha e o oceano Atlântico, e há teorias - ainda não confirmadas - que teriam deixado inscrições no nordeste e no sul do Brasil. Transportavam vidro, cedro, armas, ferro e marfim. Os habitantes das grandes cidades, como Sidon, Tiro e Biblos, conheciam os números, os cálculos astronômicos, a fabricação do vinho, e usavam - há quase duzentos anos - um conjunto de caracteres para escrever, que os gregos conheciam como *alfabeto*.

Enquanto caminhava em busca da cidade onde o Senhor lhe ordenara ficar, Elias não podia sonhar que um conselho de guerra reunia-se num lugar distante, chamado Nínive. Um grupo de generais assírios decidira enviar suas tropas para conquistar as nações situadas ao longo da costa, no mar Mediterrâneo.

A Fenícia fora escolhida como o primeiro país a ser invadido.

Elias viajou durante dias, até chegar ao vale onde ficava a cidade de Sarepta, que seus habitantes conheciam como Akbar. Diante de uma de suas portas, ao entardecer, uma mulher juntava lenha. A vegetação do vale era rasteira, de modo que ela precisava se contentar com pequenos gravetos secos.

“Quem é voce?” perguntou.

“Sou uma pobre viúva, que perdeu seu marido num dos navios de meu país. Jamais vi o oceano, mas sei que é como o deserto: mata quem o desafia..”

“Traz-me uma vasilha de água para beber”, disse Elias.

A mulher deixou a lenha de lado, e já ia entrando na cidade para fazer o que o homem lhe pedira, quando ele a segurou pelo braço.

“Traz-me também um bocado de pão”.

“Voce não é daqui”, disse ela. “Pela maneira de falar, deve ser do reino de Israel. Se me conhecesse melhor, saberia que nada tenho.”

“Mas a cidade não é rica?”

“Os pobres existem sempre, não importa o quanto sejam ricas as cidades”.

Diz a Bíblia:

“Ela respondeu: tão certo como vive o Senhor teu Deus nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija. Vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepara-los para mim e para meu filho. Comeremos e morreremos.

“ Elias disse: Não temas; vai e faze o que disseste. Mas antes, faz dele para mim um bolo pequeno, e traze-moo aqui fora. Depois farás o mesmo para ti mesma e para o teu filho. Porque assim diz o Senhor Deus de Israel: a farinha da tua panela não se acabará e o azeite de tua botija não faltará , até o dia que o Senhor faça chover novamente sobre a terra.”

A mulher fez segundo a palavra de Elias, embora não acreditasse no Deus de Israel. “Nossos deuses são mais poderosos e nosso país mais forte. Mas este homem é pobre, e precisa de ajuda; eu farei o que está pedindo, só para alegrá-lo”

Foi até sua casa, e voltou com o pedaço de pão.

“Hospeda-me contigo, porque sou perseguido em meu país”, disse Elias.

“Que crime o senhor cometeu?” perguntou ela.

“Sou um profeta do Senhor. Jezabel mandou matar todos que se recusaram a adorar os deuses fenícios.”

Ela olhou com piedade para o rapaz a sua frente. Tinha os cabelos grande e sujos; usava uma barba ainda rala, como se desejasse parecer mais velho do que realmente era.

“Qual a sua idade?”

“Trinte e dois anos”, respondeu Elias.

“Se você é inimigo de Jezabel, é também meu inimigo. Ela é uma princesa de Sidon, cuja missão - ao casar-se com seu rei - foi converter seu povo à verdadeira fé. Nossos deuses habitam no alto do Monte Cinco há muitas gerações, e conseguem manter a paz em nosso país.

E continuou:

“Israel, porém, vive na guerra e no sofrimento. Como podem continuar acreditando no Deus Único? Dêem tempo a Jezabel de realizar seu trabalho, e verá que a paz reinará também em suas cidades.”

“Já escutei a voz do Senhor”, respondeu Elias. “Vocês, porém, nunca subiram no alto do Monte Cinco para saber o que existe por lá.”

“Quem subir aquele Monte, será morto pelo fogo dos céus., Os deuses não gostam de estranhos”.

Ela parou de falar. Lembrara-se que, naquela noite, sonhara com uma luz muito forte. Do meio daquela luz, saía uma voz dizendo: “recebe o estrangeiro que te procurar”.

“ Hospeda-me contigo, porque não tenho onde dormir”, insistiu Elias.

“Já lhe disse que sou pobre. Mal tenho para mim mesma e meu filho”.

“O Senhor pediu que me deixasses ficar, Ele nunca abandona quem ama. Faz o que te peço”.

Confusa com o sonho daquela noite, e mesmo sabendo que o estranho era inimigo de uma princesa de Sidon, a mulher resolveu obedecer.

Diz a Bíblia:

“Foi ela, e fez segundo a palavra de Elias; assim comeram ele, ela e a sua casa, por muitos dias.

Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do Senhor, por intermédio de Elias.”

A presença de Elias logo foi percebida pelos vizinhos. E correu a notícia que um profeta israelita, fugindo de Jezabel, estava escondido na cidade. Uma comissão foi procurar o sacerdote.

“Não se preocupem com isto”, disse o sacerdote. “A tradição nos manda oferecer abrigo aos estrangeiros. Além do mais, aqui ele está sob nosso controle, e poderemos vigiar seus passos.”

Embora Elias fosse um adorador do Deus Único, e um potencial inimigo da princesa, o sacerdote exigiu que o direito de asilo fosse respeitado. Todos conheciam a antiga tradição: se uma cidade negasse abrigo a um viajante, os filhos de seus habitantes passariam pela mesma dificuldade. Como a maior parte do povo de Akbar tinha seus descendentes espalhados pela gigantesca frota mercante do país, ninguém ousou desafiar a lei da hospedagem.

Elias foi pouco a pouco se integrando na vida de Sarepta. Como todos os seus habitantes, passou a chama-la de Akbar. Conheceu o governador, o comandante da guarnição, o sacerdote, os mestres que faziam trabalhos em vidro, e que eram admirados em toda a região. Quando lhe perguntavam o que fazia por ali, ele falava a verdade: Jezabel estava matando todos os profetas em Israel.

“Voce é um traidor”, diziam. “Jezabel está salvando o povo israelita”.

O sacerdote ironizava com Elias:

“Parece que uma jovem de Sidon é mais poderosa que seu Deus Único. Ela conseguiu erguer um altar para Baal, e os antigos sacerdotes agora se ajoelham diante dele. “

“ Tudo acontecerá como foi escrito pelo Senhor”,
respondia o profeta. “Há momentos em que as tribulações acontecem em nossas
vidas, e não podemos evita-las. Mas estão ali por algum motivo”.

“Que motivo? “

“ É uma pergunta que não podemos responder antes - ou
durante - as dificuldades. Só quando as ultrapassamos, entendemos por que estavam
ali.”

Diz a Bíblia

*“Depois disto, adoeceu o filho da
mulher, a dona da casa.”*

Sem que houvesse qualquer motivo, o filho da viúva caiu doente. Os vizinhos atribuíram o fato à presença do estrangeiro em sua casa, e a mulher pediu para Elias ir embora. Mas ele não foi - o Senhor ainda não o havia chamado. Começaram a correr boatos de que aquele estrangeiro trouxera, junto com ele, a ira dos deuses do Monte Cinco.

Na entrada do vale, algumas patrulhas assírias haviam acampado, e pareciam dispostas a ficar. Era um pequeno grupamento de soldados, que não representava qualquer ameaça - mesmo assim, o comandante solicitou ao governador que tomasse alguma providência.

“Não nos fizeram nada”, disse o governador. “Devem estar em missão comercial, procurando uma rota melhor para seus produtos. Se resolverem usar nossas estradas, pagarão impostos - e ficaremos mais ricos ainda. Para que provoca-los?”

Era possível controlar o exército e acalmar a população sobre as patrulhas estrangeiras. Mas - com a doença do filho da viúva - o governador passou a ter dificuldades em tranquilizar a população a respeito de Elias.

Uma comissão de habitantes foi conversar com ele.

“Podemos construir uma casa para o israelita do lado de fora das muralhas”, disseram. “Desta maneira, não violamos a lei da hospedagem, mas nos protegemos contra a ira divina. Os deuses não estão contentes com a presença deste homem.”

“Deixem-no ficar onde está “, respondeu o governador.

“Não quero criar problemas políticos com Israel.”

“Como? “ perguntaram os habitantes. “Jezabel está atrás de todos os profetas que adoram o Deus Único, e deseja mata-los.”

“Nossa princesa é uma mulher valente, e fiel aos deuses do Monte Cinco. Mas, por mais poder que tenha agora, não é israelita. Amanhã pode cair em desgraça, e teremos que enfrentar a ira de nossos vizinhos; se mostrarmos que tratamos bem um de seus profetas, serão complacentes conosco”.

Os habitantes saíram descontentes, mas não podiam fazer nada. A tradição dizia que a família governante precisava ser respeitada.

Ao longe, na entrada do vale, as tendas dos guerreiros assírios começaram a se multiplicar.

O comandante preocupava-se, mas não tinha apoio do sacerdote e do governador. Procurava manter seus guerreiros em treinamento constante, embora sabendo que nenhum deles - nem seus avós - haviam conhecido a experiência do combate. As guerras eram coisas do passado de Akbar, e todas as estratégias que aprendera tinham sido superadas por novas técnicas e novas armas que os países estrangeiros usavam.

“Akbar sempre negociou sua paz “dizia o governador.
“Não será desta vez que seremos invadidos. Deixe que os países estrangeiros lutem entre si: nós temos uma arma muito mais poderosa que eles - o dinheiro. Quando eles terminarem se destruirão entre si, entraremos em suas cidades - e venderemos nossos produtos.”

O governador conseguiu tranquilizar a população quanto aos assírios. Mas corriam boatos de que o israelita trouxera a maldição dos deuses para Akbar. Elias tornava-se um problema cada vez maior.

Diz a Bíblia:

“A doença se agravou tanto, que o filho da dona da casa morreu. Então disse ela a Elias:

“Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória as minhas faltas, e matares a meu filho?”

Certa manhã, o filho da viúva morreu.

“Meu único filho!”, gritava ela. “Porque respeitei a vontade dos céus, porque fui generosa com um estrangeiro, meu filho terminou morrendo! “

Os vizinhos escutaram os lamentos da viúva, e viram seu filho estendido no chão da casa. Imediatamente pegaram Elias pelos braços, e o levaram a presença do governador.

“ Este homem pagou a generosidade com o ódio. Colocou um feitiço na casa da viúva, e seu filho terminou morrendo. Estamos abrigando a alguém que é amaldiçoado pelos deuses”.

O israelita chorava, perguntando-se: “ Ó senhor meu Deus, até esta viúva, que foi generosa comigo, Tu resolveste afligir? Se mataste o seu filho, é porque não estou cumprindo a missão que me foi confiada, e mereço a morte”.

Naquela tarde, o conselho da cidade de Akbar foi reunido, sob a presidência do sacerdote e do governador. Elias foi trazido a julgamento.

“Resolveste retribuir o amor com o ódio. Porisso, eu o condeno a morte”, disse o governador.

Elias abaixou a cabeça. Merecia todo o sofrimento que pudesse aguentar, porque o Senhor o abandonara.

“Voce irá subir o Monte Cinco”, disse o sacerdote. “ Irá pedir perdão aos deuses ofendidos. Eles farão com que o fogo dos céus desça, para mata-lo. Caso não façam isto, é porque desejam que a justiça seja cumprida por

nossas mãos; nós o estaremos esperando na descida, e será executado amanhã, segundo o ritual. “

Elias conhecia bem as execuções sagradas: arrancavam o coração do peito, e decepavam a cabeça. Segundo o costume, um homem sem coração não conseguia entrar no Paraíso.

“Por que me escolheste para isto, Senhor? “ clamava. “ Não vês que sou incapaz de cumprir o que exigiste?”

Não escutou nenhuma resposta.

Os homens e mulheres de Akbar seguiram em cortejo o grupo de guardas, que levavam o israelita até a frente do Monte Cinco. Gritavam palavras ofensivas, e atiravam pedras. Só com muito custo, a fúria da multidão foi controlada pelos soldados. Depois de meia-hora de caminhada, chegaram ao pé da montanha sagrada.

O grupo parou diante dos altares de pedra, onde o povo costumava deixar suas oferendas e sacrifícios, seus pedidos e suas preces. Todos conheciam as histórias de gigantes que viviam no local, e lembravam-se de pessoas que desafiaram a proibição, sendo atingidas pelo fogo do céu. Os viajantes que passavam de noite pelo vale, garantiam que eram capazes as risadas dos deuses e deusas se divertindo lá em cima.

Mesmo que não se tivesse certeza de tudo isto, ninguém se atrevia a desafiar os deuses.

“Vamos”, disse um soldado, empurrando Elias com a ponta de sua lança. “Quem matou uma criança, merece sofrer o pior dos castigos.”

Elias pisou o terreno proibido, e começou a subir a encosta. Ao final de algum tempo de caminhada, quando já não podia mais escutar os gritos dos habitantes de Akbar, sentou-se numa pedra e chorou: deixara sua terra natal em busca de um sonho, e não conseguira nada além de trazer a desgraça aos outros.

Tinha apostado toda a sua vida numa idéia errada. Desde criança, ouvia vozes - mas quem podia garantir que elas vinham da força da luz, e não das trevas? Fora induzido por seus pais a procurar os sacerdotes de Israel, que logo o identificaram como um profeta, um “homem do espírito”, aquele que “se exalta com

a voz de Deus”. Muitas gerações atrás, com a subida do rei Samuel ao trono, os profetas ganharam importância nos negócios e no governo de seu país. Podiam casar-se, ter filhos, mas deviam estar sempre a disposição do Senhor, para que os governantes jamais se afastassem do caminho correto.

Elias ouvia vozes, e tinha visões. Mas era diferente de outros profetas, que usavam mantos de pele e cintos de couro, e diziam que o Senhor os escolhera para guiar o povo eleito. Nunca conseguira provocar seu transe com danças ou auto-flagelação, uma prática normal entre os “exaltados pela voz de Deus”. Jamais pudera exibir orgulhosamente as cicatrizes dos ferimentos conseguidos durante o estado de êxtase. Assim que pode, abandonou sua família e tornou-se carpinteiro.

Ele era uma pessoa comum, que vestia-se como todas as outras, e que torturava sua alma com os mesmos temores e tentações dos simples mortais. O Senhor lhe falava apenas quando tinha vontade.

Será que falava mesmo? Em Gileade, sua cidade natal, existiam algumas pessoas consideradas loucas pelos habitantes. Não conseguiam dizer coisas coerentes, e eram incapazes de distinguir entre a voz do Senhor e os delírios da insanidade. Passavam suas vidas nas ruas, pregando o final do mundo, e vivendo da caridade alheia. Nenhum dos sacerdotes as considerava como “exaltados pela voz de Deus”. A Elias, porém, havia sido reservado um tratamento diferente: tudo o que dizia era escutado com respeito.

Quando soube do casamento de seu rei com a princesa de Sidon, escutara a voz do Senhor, pedindo que fosse até o palácio real. Ali chegando, ele avisou ao rei que uma seca iria assolar a região, até que o culto dos deuses fenícios fosse abandonado.

O soberano não dera grande importância as suas palavras, mas a princesa Jezabel - que acabara de erguer um altar para o deus Baal, em Samaria - percebeu a ameaça que os profetas representavam. No dia seguinte, ordenou que todos fossem mortos.

Quatrocentos e cinquenta profetas - ou *nābi*, como também eram conhecidos - foram imediatamente executados. O Senhor perdera suas vozes em Israel, e o culto dos deuses fenícios começou a ficar cada vez mais forte. Elias sabia que havia causado a morte daqueles homens, mas jamais se culpara por isto; afinal, tinha certeza de que ele também seria sacrificado, e que os céus encontrariam um líder capaz de reconduzir as tribos do povo eleito de volta ao Deus verdadeiro.

Ao invés disto, o Senhor ordenara que partisse de Israel, e fosse para Akbar. Sentira-se como um covarde, mas seguiu o que lhe fora ordenado. Lutara para adaptar-se àquele povo estranho, gentil, mas com uma cultura completamente distinta. Quando achou que estava cumprindo o seu destino, o filho da viúva morrera.

“Por que eu? “

Era responsável pela morte de uma criança, e pelo assassinato dos profetas.. Merecia o pior de todos os sofrimentos.

Levantou-se, caminhou mais um pouco, e terminou entrando na neblina que cobria o topo da montanha. Podia aproveitar a falta de visibilidade para fugir de seus perseguidores, mas que importância tinha isto? Seria obrigado a conviver o resto de sua vida com a sombra daqueles mortos. Era preferível deixar que seu coração fosse arrancado do peito, e sua cabeça cortada.

Tornou a sentar-se, desta vez no meio da neblina. Estava decidido a esperar um pouco, de modo que os homens lá embaixo pensassem que ele havia subido até o topo do Monte; depois retornaria a Akbar, entregando-se aos seus captores.

“O fogo do céu”. Muitas pessoas já haviam sido mortas por ele, embora Elias duvidasse que fosse enviado pelo Senhor. Em noites sem lua, seu brilho cruzava o firmamento, aparecendo e desaparecendo de repente. Talvez queimasse. Talvez matasse instantaneamente, sem sofrimento.

A noite caiu, e a neblina dissipou-se. Pode ver o vale lá embaixo, as luzes de Akbar, e as fogueiras do acampamento assírio. Escutou o latido dos cães, e o canto de guerra dos guerreiros.

“Estou pronto”, disse para si mesmo. “Fui um fracasso em minha vida, e agora devo abandonar este mundo.”

Neste momento, uma luz desceu até ele..

“O fogo do céu!”

A luz, entretanto, permaneceu na sua frente. E uma voz disse:

“Sou um anjo do Senhor.”

Elias ajoelhou-se, e colocou o rosto na terra.

“Quando voltares a cidade, pede tres vezes para que o menino retorne a vida. O Senhor lhe escutará na terceira vez.”

“Mesmo que isto aconteça, já duvidei de mim mesmo. E não sou mais digno de minha tarefa”, respondeu Elias.

“ Todo homem tem direito de duvidar de sua tarefa, e de abandoná-la de vez em quando; a única coisa que não pode fazer é esquecê-la. Quem não duvida de si mesmo, é indigno - porque confia cegamente na sua capacidade, e peca por orgulho. Bendito seja todo aquele que passa por momentos de indecisão. “

Elias chorou novamente. “Por que aconteceu tudo isto? Matar o filho de alguém que me acolheu quando precisei? “

“Vai, e segue o que digo.”

Elias desceu a montanha, até o lugar onde ficavam os altares de sacrifício. Os guardas o esperavam, mas a multidão já havia retornado a Akbar.

“Estou pronto para a morte”, disse ele. “Antes, porém, quero passar na casa da viúva que me acolheu, e pedir-lhe que tenha piedade de minha alma.”

Os soldados o conduziram de volta, e foram a presença do sacerdote. Ali, transmitiram o que o israelita havia pedido.

“Farei o que pede”, disse o sacerdote para o prisioneiro. “Já que pediu perdão aos deuses, deve fazê-lo também à viúva. Para que não fuja, será acompanhado de quatro soldados armados. Assim que amanhecer - nos o executaremos no centro da praça “.

O sacerdote quis perguntar o que vira no alto do Monte Cinco. Mas estava na presença dos soldados, e a resposta podia deixá-lo embaraçado. Por isso, resolveu ficar calado, mas achou uma boa idéia Elias pedir perdão em público; ninguém mais teria dúvidas do poder dos deuses do Monte Cinco.

Elias e os soldados foram até a ruela pobre, onde habitara durante alguns meses. A casa da viúva estava com as janelas e porta abertas, de modo que - segundo o costume - a alma de seu filho pudesse sair, para ir morar junto com os deuses . O corpo estava no centro da pequena sala, velado por toda a vizinhança.

Quando notaram a presença do israelita, homens e mulheres ficaram revoltados.

“Tire-o daqui!” gritaram para os guardas. “Ou faremos justiça agora mesmo!”

Enfrentando os empurrões e o tapas, Elias dirigiu-se até a viúva, que chorava num canto.

“Posso traze-lo de volta dos mortos. Deixe-me pegar o seu filho”, disse. “Só por um instante”.

A viúva nem sequer levantou a cabeça.

“Por favor”, insistiu ele. “Nem que seja a última coisa que voce faça por mim nesta vida, me dê uma chance de tentar retribuir sua generosidade.”

Alguns homens o agarraram, para afasta-lo dali. Mas Elias se debatia, e lutava com todas as suas forças, implorando para que o deixassem tocar a criança morta.

Embora fosse jovem e disposto, terminou sendo empurrado para a porta de casa. “Anjo do Senhor, onde estás?” gritou para os céus.

Neste momento, todos pararam. A viúva havia se levantado, e dirigia-se até ele. Pegando-o pelas mãos, levou-o até onde estava o cadáver do filho, e tirou o lençol que o cobria.

“Eis aqui o sangue do meu sangue”, disse. “Que ele desça sobre a cabeça dos teus parentes, se voce não conseguir o que deseja.”

Ele se aproximou, para toca-lo.

“Um momento”, disse a viúva. “Antes, peça a teu Deus que a minha maldição se cumpra.”

O coração de Elias estava disparado. Mas acreditava no que o anjo dissera.

“Que o sangue deste menino desça sobre meus pais e irmãos, e sobre os filhos e filhas de meus irmãos, se eu não fizer o que disse.”

E diz a Bíblia:

“Ele tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto onde ele mesmo habitava. Então clamou aos céus, dizendo:

“‘Ó Senhor, até esta viúva com quem me hospedo afligiste, matando seu filho?

“E estendendo-se tres vezes sobre o menino, clamou ao Senhor e disse: ‘Ó Senhor meu Deus, que faças a alma deste menino tornar a entrar nele.

“O Senhor atendeu a voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e ele reviveu”.

Elias fez exatamente o que o anjo mandara, e o garoto abriu os olhos, como se tivesse despertando de um longo sono. Com o menino nos braços, ele desceu até a sala; ao ver aquilo, a viúva atirou-se de joelhos, e começou a gritar:

“Nisto conheço que és homem de Deus! A verdade do Senhor sai de tuas palavras!”

Elias abraçou-a, pedindo que se levantasse.

“Soltem este homem!” ela disse para os soldados. “Ele combateu o mal que havia se abatido em minha casa!”

As pessoas que estavam ali reunidas não podiam acreditar no que viam. Uma moça de vinte anos que trabalhava como pintora, ajoelhou-se ao lado da viúva. Pouco a pouco, todos foram imitando seu gesto - inclusive os soldados que estavam encarregados de conduzi-lo ao cativoiro.

“Levantem-se”, pediu ele. “E adorem o Senhor. Eu sou apenas um de seus servos, talvez o mais despreparado”.

Mas todos continuavam ajoelhados, de cabeça baixa.

“Voce conversou com os deuses no Monte Cinco”, escutou uma voz dizer. “E agora pode fazer milagres.”

“Não há deuses ali. Vi um anjo do Senhor, que me ordenou fazer isto.”

“Voce esteve com Baal, e seus irmãos”, disse outra pessoa.

Elias abriu caminho, empurrando as pessoas ajoelhadas, e saindo para a rua. Seu coração continuava disparado, como se não tivesse cumprido direito a tarefa que o anjo lhe ensinara. “De que adianta ressuscitar um morto, se ninguém acredita de onde vem tanto poder? “ O anjo lhe pedira para clamar tres vezes o nome do Senhor, mas nada lhe dissera sobre explicar o milagre para a multidão no andar de baixo. “Será que, a maneira dos antigos profetas, tudo que quis foi mostrar minha vaidade?” perguntava a si mesmo.

Ele escutou a voz de seu anjo da guarda:, com quem conversava desde a infância

“Estiveste hoje com um anjo do Senhor.”

“Sim”, respondeu Elias. “Mas os anjos do Senhor não conversam com os homens; apenas transmitem as ordens que vêm de Deus.”

“Use o seu poder”, disse o anjo da guarda.

Elias não entendeu o que ele queria dizer com isto. “Não tenho poder que não venha do Senhor”, disse.

“ Ninguém tem. Mas todo mundo tem o poder do Senhor, e ninguém o usa.”

E o anjo lhe disse mais:

“A partir de agora, e até o momento que voltares para a terra que deixaste, nenhum outro milagre te será permitido.”.

“E quando isto acontecerá?”

“O Senhor precisa de ti para reconstruir Israel”, disse o anjo. “Pisarás de novo seu solo quando aprenderes a reconstruir .”

E não disse mais nada.

O sacerdote fez as orações para o sol que nascia - e pediu ao deus da Tempestade e a deusa dos animais, que tivessem piedade dos tolos. Alguém lhe contara, naquela manhã, que Elias trouxera o filho da viúva de volta do reino dos mortos.

A cidade estava assustada e excitada ao mesmo tempo. Todos acreditavam que o israelita recebera seu poder dos deuses no Monte Cinco, e agora ficava muito mais difícil acabar com ele. “Mas chegará a hora certa”, disse para si mesmo.

Os deuses fariam surgir uma oportunidade para acabar com ele. Mas a cólera divina tinha outro motivo, e a presença dos assírios na entrada do vale era um sinal. Por que as centenas de anos de paz estavam a ponto de terminar? Ele tinha a resposta: a invenção de Biblos. Seu país havia desenvolvido uma forma de escrita acessível a todos - mesmo aqueles que não estavam preparados para utilizá-la. Qualquer pessoa podia aprendê-la em pouco tempo, e isto seria o fim da civilização.

O sacerdote sabia que, de todas as armas de destruição que o homem foi capaz de inventar, a mais terrível - e a mais poderosa - era a palavra. Punhais e lanças deixavam vestígios de sangue; flechas podiam ser vistas a distância. Venenos terminavam por ser detectados e evitados.

Mas a palavra conseguia destruir sem pistas. Se os rituais sagrados pudessem ser difundidos, muita gente iria poder utilizá-los para tentar modificar o universo, e os deuses ficariam confusos. Até aquele momento, só a casta sacerdotal conhecia a memória dos antepassados - que era transmitida oralmente, sob juramento de que as informações seriam mantidas em segredo. Ou então, eram necessários anos de estudo para conseguir decifrar os caracteres que

egípcios haviam espalhado pelo mundo; desta maneira só os que estavam muito preparados - escribas e sacerdotes - podiam trocar informações.

Outras culturas tinham suas formas rudimentares de registro da história, mas eram tão complicadas que ninguém se preocuparia em tentar aprendê-las fora das regiões onde eram usadas. A invenção de Biblos, porém tinham um aspecto explosivo: podia ser usada por qualquer país, independente da língua que falavam. Até mesmo os gregos, que geralmente rejeitavam tudo que não nascia em suas cidades, já tinham adotado a escrita de Biblos como prática corrente em suas transações comerciais. Como eram especialistas em se apropriar de tudo que pudesse ser novidade, já tinham batizado a invenção de Biblos com um nome grego: *alfabeto*.

Os segredos guardados durante séculos de civilização corriam o risco de serem expostos a luz. Comparado com isto, o sacrilégio de Elias - trazendo alguém da outra margem do rio da morte, como os egípcios costumavam fazer - não significava nada.

“Estamos sendo punidos porque já não podemos mais guardar com cuidado o que é o sagrado”, pensou. “Os assírios estão na nossa porta, atravessarão o vale, e destruirão a civilização de nossos antepassados.”

E acabariam com a escrita. O sacerdote sabia que a presença do inimigo não era um acaso.

Era o preço a pagar. Os deuses haviam planejado tudo muito bem, de modo que ninguém percebesse que eram eles os responsáveis; colocaram no poder um governador mais preocupado com os negócios que com o exército, exaltaram a cobiça dos assírios, fizeram com que a chuva escasseasse cada vez mais, e trouxeram um infiel para dividir a cidade. Em breve, o combate final seria travado.

Akbar continuaria existindo, mesmo depois disso- mas a ameaça dos caracteres de Biblos seria para sempre riscada da face da Terra. O sacerdote limpou com cuidado a pedra que assinalava o local onde, muitas gerações atrás, o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Monte Cinco Paulo Coelho" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).